

Ana Arguelho

MEMÓRIAS DA PROVÍNCIA
(pequenos contos de infância)

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2024

O COMEÇO DE TUDO



CONTO DE FAMÍLIA: OS SETE ORELHAS

Desde bem pequena, ouvia falar na história das sete orelhas. Até onde sei, porque me contou meu pai nos contínuos serões da minha infância, a família Garcia saiu das Minas Gerais e veio subindo até alcançar a região de Paranaíba, no norte do então Estado de Mato Grosso, onde parte dela se estabeleceu. A outra parte deslocou-se para o sul, passando pela região do Bolsão e por Três Lagoas, onde alguns se instalaram enquanto outros desceram até a região de Ponta Porã. Há testemunhos de que os primeiros Garcia saíram dos Açores por volta de 1760, rumo a Minas Gerais e, no século seguinte, já seguiam para a região oeste do Brasil em busca de terras para cultivo e criação de gado. Conta a lenda que a travessia rumo ao Centro-Oeste fora longa e recheada de aventuras, às vezes bem escabrosas, quando aqueles desbravadores tinham que lutar para defender seus animais e seus bens. E a cada inimigo morto era-lhe decepada uma orelha e levada como uma espécie de troféu. Ao longo do percurso contaram-se sete orelhas, o que se tornou a marca da família Garcia, conhecida em todos os rincões do Mato Grosso do Sul, como os Garcia de Sete Orelhas.

Uma outra literatura narra a saga dos Garcia. Teriam chegado ao Brasil ao tempo da Colônia e ainda, é claro, sem a alcunha de Sete Orelhas. Embora em algumas versões apareça o sobrenome

Leal, as pesquisas apontam que o nome Garcia é o único nome de família que foi atribuído às personagens Sete Orelhas em todas as publicações sobre esse caso. Por consequência, o nome de família – Garcia – é o único que deu origem a uma extensa genealogia, acabando por identificar um grande grupo de famílias existente em Minas Gerais. Aponta, ainda, a literatura que esses habitantes das Gerais eram descendentes de cinco colonos originários da ilha do Faial, arquipélago dos Açores: João Garcia Luis (ou Pinheiro), Diogo Garcia, Antônio Garcia, João Garcia Duarte e José Garcia da Costa. Com o passar do tempo, essas famílias acabaram por se espalhar por todo o vale do Rio Grande, por regiões de Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Goiás. Januário Garcia, o Sete Orelhas, pertencente a um desses ramos, teria se estabelecido na povoação de Jacuí em Minas Gerais, no ano de 1761. As fontes são variadas e a cronologia dos fatos divergem de fonte para fonte, mas não invalidam a história. Quando bem mais tarde, passando as férias em Curitiba onde estudava meu filho e, percorrendo livrarias e sebos em busca de fontes para minha pesquisa de doutorado, deparei-me com um livro *Romances e Novelas*, de Joaquim Norberto de Souza Silva, que trazia uma minúscula narrativa de 55 páginas, com o título de *Januário Garcia ou As Sete Orelhas*. Nessa literatura, as orelhas teriam sido decepadas em decorrência de uma vingança. É a literatura e a memória se confrontando, o que não importa muito neste livro que, sendo de memórias, registra ambas as versões.

A HERANÇA DE UMA SAGA

O passado histórico aqui narrado deixou suas marcas. Passei a infância ouvindo uma história com sabor de aventuras, mas que hoje, com maturidade, vejo como o estranho remanescer de uma cultura de desbravadores, que é uma das marcas da família Garcia de Sete Orelhas. Vou aqui resgatar, à minha maneira, essa história que tem sido narrada de muitas formas. Nelas, ou meu irmão Celeido foi o salvador de uma cidade ou um homem ingênuo, manipulado por fazendeiros e comerciantes de alta linhagem. Creio que ninguém melhor do que eu para registrar os fatos, tal como eles aconteceram, porque os ouvi da boca do próprio Celeido e das pessoas envolvidas: meu pai, minha mãe, e minha cunhada Ilka, esposa de Celeido.

Filho do primeiro casamento de meu pai, morava ele no Rio de Janeiro, onde fora para fins de estudar e de onde nunca mais saiu. Nas férias vinha visitar o pai, já avançado em anos. Pelos idos de 1940, surge na cidade de Bela Vista um bando de ladrões de gado e que também assaltava o comércio em plena luz do dia, criando um verdadeiro clima de terror na população da cidade e das fazendas: os irmãos Flores. Celeido chega à cidade para umas férias e fica sabendo da situação grave criada pelos “bandidos”, em torno de vinte homens de origem paraguaia

e aparentados. Dirige-se então ao pai pedindo que lhe arranje uma comenda de delegado com a promessa de que, investido desse poder, dizimaria o bando dos Flores, como eram conhecidos os assaltantes. À época, ecoavam os feitos de Lampião pelo nordeste e provavelmente essa cultura do banditismo alastrou-se e chegou até a fronteira Brasil Paraguai. O fato é que meu pai, bem articulado politicamente, conseguiu-lhe rapidamente o posto de delegado. Celeido, então, com o apoio financeiro dos fazendeiros e comerciantes amedrontados, logo armou um bando para si e, com este, todos a cavalo saíram à caça dos “bandidos”, acabando por dizimar o bando dos Flores.

Ouvir essa história contada por minha cunhada era motivo de tristeza e dor, pois ela narrava o seu lado de mulher e mãe que ficava em casa esperando notícias, com o coração pesado de aflição. Contava Ilka, que de vez em quando vinha a notícia de que o marido teria sido morto na caçada e ela pensava na viuvez e nos dois filhos pequenos para criar. E junto com a dor da perda, vinha um ódio surdo desse marido aventureiro e audaz. Quando a notícia falsa se desfazia, vinha o alívio do retorno e a preocupação com uma nova perseguição que levaria o marido para longe. Da parte de minha mãe, sua narrativa era sobre as orações que ela e meu pai faziam diariamente pela proteção ao filho e a dor a cada notícia, sempre falsa, da sua morte, de que ela culpava meu pai por ter atendido a pedido tão perigoso. Apesar de não ser a mãe de Celeido, minha mãe lhe queria bem e foi um longo tempo de medo e angústia, até que finalmente o bando foi dizimado e o filho pródigo voltou em

definitivo. Laureado por todos como o salvador da cidade, daí para a frente passou a ser Dom Celeido, principalmente, para os mais afetados pelo bando dos Flores. Quando fui morar com ele e sua família, no Rio de Janeiro, uma das nossas distrações da noite, além das novelas do rádio era ouvi-lo contar o que nos parecia, crianças ainda, uma aventura e tanto. Evidente que eu não tinha a consciência que hoje tenho. E ele era um excelente narrador, que não nos exibia o lado cruel dessa caçada humana, mas nos fazia rir dos episódios engraçados e conferia aos fatos um sabor de aventura. Mais recentemente, um juiz lançou um livro com a história da cidade, no qual Celeido aparece como um jovem ingênuo e manipulado pela classe dominante. Discordei dessa versão em primeiro lugar, porque minha família pertencia à classe dominante e assim Celeido colocava-se como protetor de seus pares. Trazia na mente o peso de uma história de família e mais, o peso de uma cultura de época. Em segundo lugar, era um jovem intrépido e voluntarioso que jamais serviria de marionete para ninguém. Ou seja, nem ingênuo, nem herói, apenas um homem contaminado pela cultura de tempos áridos e violentos, onde atirar e matar “a serviço do bem” tinha valor. Não gosto dessa história. Ela é dolorosa para nossa família, mas não julgo um homem de tempos passados, pelo meu tempo.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Dante MT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em março de 2024.
